

Ah! bela mulher fatal,
De tanta flor que tiveste,
Hoje tens flores de cal
Sob o verde do cipreste.

Explica a reencarnação:
Teu filho não é teu eco.
Galinha por afeição
Choca ovo de marreco.

Para o mundo sabichão
Esta nota incontroversa:
Mais vale um dia de ação
Que cem anos de conversa.

Confesso os enganos meus!...
Rogando o que mais preciso,
Eu nunca pedi a Deus
Que me pusesse juízo.

CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO

Era um caso esquisito a Dona Cissa,
Queria o céu, falava em devoção,
E vivia na Roça do Praião
Afundada na rede e na preguiça...

Ensinava jejum e pregação,
Dizia: — “O mundo inteiro é só carniça!”
Mas morreu na panela de linguiça,
Emborcada na quina do fogão.

Subiu fora do corpo livremente,
Mas enxergando os anjos no batente,
Espantada, fugiu fazendo cruz!

Hoje, clama deitada no oratório:
— “Todo trabalho é inferno e purgatório...”
Inda diz que o céu dela é o de Jesus...

Riquezas de sepultura?
 O mármore que há nas lousas
 Mostra apenas como dura
 A pedra em cima das cousas.

Conversa de festa e arte,
 Conjunto orquestral ordeiro,
 Cada qual em sua parte,
 Ninguém na do companheiro.

Entusiasmo onde esteja
 Tem limites naturais.
 Confiança diminui
 Onde a promessa é demais.

Às vezes o bem, no mundo,
 Não sabe onde se acomode.
 Quem pode ajudar não quer,
 Quem quer ajudar não pode.

NHÁ BELA

Nhá Bela jaz ferida na barraca.
 Em vão fora pedir gotas de arnica,
 Pois o moço dissera na botica:
 — “Não atendo gamboa na ressaca.”

Tem febre alta... O corpo tremelica...
 Sòzinha, encontra o chão por leito e maca...
 Perde sangue... Delira... Está mais fraca...
 Lavadeira de tanta gente rica!...

Chora na noite escura que a regela,
 Mas alguém rompe a sombra e diz: “Nhá Bela!”
 E a pobre clama: “Oh! filho, dá-me luz!...”

Brilha o zinco da choça de repente
 E na morte que a beija, docemente,
 Deslumbrada, Nhá Belavê Jesus!